

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

ROSE TERESINHA CARVALHO MACHADO

**ESCALAS PARA AVALIAÇÃO DO ESTRESSE NA EQUIPE DE
ENFERMAGEM**

PORTO ALEGRE

2015

ROSE TERESINHA CARVALHO MACHADO

**ESCALAS PARA AVALIAÇÃO DO ESTRESSE NA EQUIPE DE
ENFERMAGEM**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof^a. Dr. Sônia Beatriz Coccaro de Souza

PORTO ALEGRE

2015

A minha mãe, Ivete,
exemplo de vida e honestidade, alicerce seguro e incondicional.
Tenha certeza que sem você não conseguiria, é para você essa conquista.

A minha amada filha, Rafaela,
meu tesouro mais precioso, nasceu em meio aos estudos e me trouxe um
conhecimento que transcende livros e artigos científico.
Dedico a você também essa conquista.

Aos meus sobrinhos, Jonatas, Yuri, Matheus e Vinícius,
motivo a mais pra eu ser feliz, com um simples sorriso, me enchem de alegria.

Aos meus irmãos, Cleonice, Jefferson (in memoriam), Angélica e William,
sempre me apoiando e incentivando com palavras de carinho.
Obrigada pela confiança.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, saúde e força para chegar até aqui.

A minha mãe Ivete, que sempre me incentivou a estudar acreditando na educação como o melhor caminho para o crescimento, não mediu esforços para a realização desta conquista. Dedicou seu tempo exclusivamente aos cuidados da minha filha durante os momentos em que estive ausente para realizar este sonho.

A minha orientadora Professora Sônia, pela maneira confiante e incentivadora com que me orientou.

A Professora Lia, meu carinho especial pelo apoio e palavras de incentivo nos momentos difíceis que vivenciei durante a graduação.

Aos presentes que ganhei da UFGRS, Ana Paula e Viviane, obrigada pela parceria, pelos dias e noites de estudo, por dividirem comigo as durezas e alegrias da graduação, vocês ficarão comigo para sempre.

A Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por me oportunizar uma graduação de qualidade e excelência.

Enfim, muito obrigada a todos que de alguma maneira contribuíram para que eu chegasse até aqui.

*“Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente,
mas o que melhor se adapta às mudanças”.*

Charles Darwin

RESUMO

O estudo teve como objetivo identificar na literatura as escalas utilizadas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem. Realizou-se uma revisão integrativa, com buscas na Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS) e no portal de periódicos Scientific Eletronic Library Online (SciELO). Foram selecionados 15 artigos que atenderam aos critérios de inclusão. A análise dos artigos permitiu identificar seis escalas, Lista de Sintomas de Stress (n=5), Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (n=3), Job Stress Scale (n=3), Escala de Fontes de Pressão no Trabalho (n=1), Inventário de Estresse em Enfermeiros (n=1), Occupational Stress Indicator (n=1) e Escala de Estresse no Trabalho (n=1). A análise permitiu identificar lacunas relacionadas a criação ou adaptação e validação das escalas no Brasil, que impossibilitaram o reconhecimento de informações importantes como o coeficiente de α Crombach. É importante que o pesquisador tenha conhecimento das implicações de cada escala e saiba escolher a que fornece o melhor resultado para sua pesquisa.

Descritores/palavra-chave: Equipe de Enfermagem; Esgotamento Profissional; Estresse.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Estratégias de buscas e resultados nas bases de dados BVS e SciELO.....	13
Quadro 1 – Classificação do nível de evidência.....	14
Figura 1 – Fluxograma da busca dos artigos nas bases de dados selecionadas.....	16
Gráfico 1 – Distribuição dos artigos conforme o ano de publicação.....	17
Tabela 2 – Distribuição em frequência (F) e porcentagem (%) dos artigos segundo o periódico.....	17
Quadro 2 – Síntese dos artigos incluídos na revisão integrativa, quanto ao título, autores, escala utilizada para avaliação do estresse, recomendações (α -cronbach e/ou desempenho) e Nível de Evidência (NE).....	19
Gráfico 2 – Distribuição em porcentagem (%) das escalas utilizadas pelos pesquisadores para avaliação do estresse na equipe de enfermagem.....	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVO	11
3 MÉTODOS	12
3.1 TIPO DE ESTUDO	12
3.1.1 Questão norteadora da revisão integrativa	12
3.1.2 Busca dos estudos nas bases de dados	12
3.1.3 Extração de dados dos estudos incluídos na revisão integrativa ...	13
3.1.4 Avaliação dos estudos selecionados	14
3.1.5 Análise e síntese dos resultados evidenciados	14
3.1.6 Apresentação da revisão	14
3.2 ASPECTOS ÉTICOS	15
4 RESULTADOS	16
5 DISCUSSÃO	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE A – Instrumento de Coleta de Dados	30
APÊNDICE B – Quadro Sinóptico Geral	31

1 INTRODUÇÃO

Segundo Ramos et al. (2014), “a Qualidade de Vida é a percepção do indivíduo de sua posição na sociedade, no contexto da cultura e nos sistemas de valores em que vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Portanto, conclui-se que a Qualidade de Vida está diretamente relacionada com a Qualidade de Vida no Trabalho, visto que um trabalhador passa mais de oito horas por dia no ambiente laboral durante aproximadamente 35 anos de trabalho.

O objetivo do conceito de Qualidade de Vida no Trabalho é alcançar a satisfação das pessoas em situação de trabalho e sempre que possível, tornar a atividade laboral prazerosa à percepção dos trabalhadores, com efeito na produtividade, na motivação e no comprometimento dos trabalhadores, aumentando consequentemente o desempenho da instituição (RAMOS et al., 2014).

Em contrapartida, o estresse é um fato marcante na vida moderna e está presente tanto na vida profissional como na vida pessoal (BIANCHI, 2009). Na atualidade observa-se uma contínua discussão a respeito da repercussão do estresse sobre as diversas esferas do ser humano, em especial sobre três delas: biológica, na qual o estresse pode gerar o agravamento de doenças preexistentes e/ou desencadear o surgimento de outras; psíquica, cujo comprometimento é evidenciado pelo aparecimento de sintomas psicológicos, como ansiedade e depressão; e social, dimensão que, ao ser afetada, desencadeia a deterioração da qualidade das relações interpessoais (ANDRADE; JÚNIOR, 2014).

Existem muitos conceitos para o estresse, porém, este estudo abordará o estresse na esfera ocupacional. Neste contexto, o estresse surge a partir, e em virtude, de uma característica relativa ao processo de trabalho. O estresse ocupacional é uma constante realidade na vida do trabalhador, pois sabe-se que o ambiente onde um indivíduo realiza seu trabalho gera repercussões tanto no seu desempenho profissional quanto na sua saúde (ANDRADE; JÚNIOR, 2014).

As doenças surgem quando a capacidade do indivíduo se esgota para responder ao trabalho de forma saudável. O estresse é reconhecido como um dos riscos mais sérios ao bem estar psicossocial do indivíduo. Sua complexidade deve-se ao fato de o estresse organizacional pôr em risco a saúde, sendo que 50 a 80% de todas as doenças têm fundo psicossomático ou estão relacionados ao nível de estresse (SALVADOR; SILVA; LISBOA, 2013).

Há uma grande variedade de fatores responsáveis pela origem dos agravos à saúde decorrente do estresse ocupacional, dentre os quais se pode mencionar a carga psicológica excessiva, o descaso em relação à ergonomia e as condições gerais do ambiente em que se trabalha ou a própria atividade laboral. Juntamente com esses fatores estão os hábitos e condições de saúde do indivíduo, que também influenciam a maneira e a intensidade com as quais os agravos poderão se apresentar (ANDRADE; JÚNIOR, 2014).

O enfermeiro é o profissional que presta assistência ao paciente e a família, principalmente na área hospitalar, convivendo com aspectos conflitantes como o nascimento e a morte (BIANCHI, 2009).

No cotidiano, os trabalhadores de saúde estão constantemente submetidos a vivenciar situações extremas que podem levá-los ao estresse. A enfermagem é uma das profissões mais estressantes, devido à responsabilidade pela vida do ser humano e proximidade com os pacientes e seus familiares onde o sofrimento é quase sempre uma realidade, exigindo muita dedicação e atenção no desenvolvimento das suas atividades, aumentando a possibilidade de agravos à saúde e o desenvolvimento de doenças de ordem física e mental. O sentimento de sofrimento vivenciado pela equipe de enfermagem gera um desgaste físico e mental, que constantemente está relacionado às situações estressantes do trabalho (MARTINS et al, 2014).

Os profissionais de enfermagem atuam com pouca ou nenhuma consciência do estresse que enfrentam. O conhecimento do processo de estresse é imprescindível para o enfrentamento adequado. A identificação de estressores no trabalho é relevante e subsidia as mudanças necessárias, uma vez que desenvolvidas as possíveis soluções para minimizar os efeitos dos estressores, essas podem tornar o cotidiano mais produtivo e menos desgastante (CALDERERO; MIASSO; CORRADI-WEBSTER, 2008).

Estudos demonstram que entre os membros da equipe de enfermagem evidenciam-se várias características de estresse, podendo apresentar-se em maior ou menor intensidade, dentre elas ressalta-se a angústia, taquicardia, distúrbios gastrintestinais, entre outras (OLIVEIRA; COSTA; SANTOS, 2013).

Frente ao exposto, o conhecimento de resultados de pesquisas sobre escalas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem pode oferecer subsídios para o enfermeiro no planejamento e implantação de medidas que possam minimizar a

problemática gerando maior qualidade de vida no trabalho e a melhoria da assistência prestada ao paciente.

Diante das considerações anteriores a questão norteadora que motivou a realização do estudo foi: *Quais as escalas utilizadas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem?*

2 OBJETIVO

Identificar na literatura quais as escalas utilizadas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma revisão integrativa (RI) de literatura, sendo a RI um método que permite a busca, a avaliação crítica e a síntese de múltiplos estudos publicados sobre um determinado assunto, sendo o seu produto final o estado atual do conhecimento do assunto estudado, bem como a identificação de lacunas que direcionam para o desenvolvimento de futuras pesquisas (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

O estudo foi realizado em seis etapas, segundo o referencial de Galvão (2008): elaboração da questão norteadora, busca dos estudos nas bases de dados, extração de dados dos estudos incluídos na RI, avaliação dos estudos selecionados, interpretação dos resultados e apresentação dos resultados.

3.1.1 Questão norteadora da revisão integrativa

A pergunta norteadora para a condução da revisão integrativa foi: *“Quais as escalas utilizadas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem?”*

3.1.2 Busca dos estudos nas bases de dados

A pesquisa por artigos para este estudo foi realizada de forma online na Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS) e no portal de periódicos Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Os descritores controlados foram definidos através do vocabulário dinâmico de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): equipe de enfermagem e esgotamento profissional. O descritor não controlado (palavra-chave): estresse, foi definido pela pesquisadora mediante leitura prévia sobre o tema a ser investigado. Incluiu-se este descritor com o objetivo de não restringir e sim ampliar a busca dos artigos. Os descritores foram combinados utilizando o operador booleano AND.

A seguir, são apresentadas as combinações e os resultados encontrados nas bases de dados (Tabela 1).

Tabela 1 – Estratégias de buscas e resultados nas bases de dados BVS e Scielo.

DESCRITORES X BASE DE DADOS		
Descritores	Bases de dados	
	BVS	SCIELO
Equipe de enfermagem AND Estresse	141	26
Equipe de enfermagem AND Esgotamento profissional	58	0
Total de artigos	199	26

Fonte: MACHADO, Rose Teresinha Carvalho Machado. Escalas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem. Porto Alegre. 2015.

Os critérios de inclusão delimitados para a condução do estudo foram: artigos científicos originais que abordavam sobre as escalas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem, publicados em português e espanhol, no período de agosto de 2005 a setembro de 2015, disponível online na íntegra. Foram excluídos os artigos que não responderam à questão norteadora, artigos revisão da literatura e artigos repetidos.

Após a busca dos artigos nas bases de dados, primeiramente foi realizada a leitura do título e resumo, aqueles que responderam à questão norteadora e os critérios de inclusão foram selecionados para serem analisados na íntegra.

3.1.3 Extração de dados dos estudos incluídos na revisão integrativa

Para a coleta de dados dos artigos que foram incluídos na revisão integrativa, foi elaborado um instrumento de coleta de dados (APÊNDICE A), cujos itens estão relacionados ao objetivo e a questão norteadora do estudo.

O instrumento contempla os seguintes itens: identificação (nº do artigo, título, autores e titulações, periódico, local de publicação, ano de publicação e descritores), objetivos do estudo, metodologia (tipo do estudo, local de realização, população e amostra), escala utilizada para avaliação do estresse e recomendações (α -Cronbach e/ou desempenho). Cada instrumento foi preenchido individualmente.

No item recomendações foi considerado a confiabilidade (α -Cronbach) e o desempenho da escala conforme indicação do autor do artigo avaliado.

3.1.4 Avaliação dos estudos selecionados

Para a análise e posterior síntese dos artigos que atenderam aos critérios de inclusão foi utilizado um quadro sinóptico especialmente construído para esse fim (APÊNDICE B), que contemplou os seguintes aspectos, considerados pertinentes: nome do artigo, autores, escala utilizada para avaliação do estresse, recomendações (α -Cronbach e/ou desempenho) e nível de evidência.

Para identificar o nível de evidência, empregou-se a classificação de evidências proposta por Melnyk e Fineout-Overholt (2011), onde o nível de evidência foi determinado pela abordagem metodológica utilizada pelo autor do artigo (Quadro 1).

Quadro 1 - Classificação do nível de evidência.

Nível	Metodologia
I	Evidências de revisão sistemática ou metanálise de ensaios clínicos randomizados
II	Evidências obtidas de ensaios clínicos randomizados controlados bem delineados
III	Evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização
IV	Evidência de estudos de coorte e de caso controle bem delineados
V	Evidências de revisão sistemática de estudos descritivos e qualitativos
VI	Evidências de um único estudo descritivo ou qualitativo
VII	Evidências oriundas de opinião de autoridades e/ou relatório de especialistas

Fonte: MELNYK, B. M.; FINEOUT-OVERHOLT, E. Evidence-based practice in nursing & healthcare: a guide to best practice. 2011.

3.1.5. Análise e síntese dos resultados evidenciados

A análise e síntese dos dados foram realizadas com ajuda do quadro sinóptico, descrito anteriormente. Com base nos resultados da análise dos estudos, nesta etapa foi realizada a comparação e discussão do conhecimento teórico entre os artigos incluídos.

3.1.6 Apresentação da revisão

Todas as etapas percorridas na condução da RI foram apresentadas possibilitando a compreensão do leitor sobre o método adotado. A síntese do conhecimento dos artigos selecionados, visa discutir as contribuições destes para a temática do estresse na equipe de enfermagem.

3.2 ASPECTOS ÉTICOS

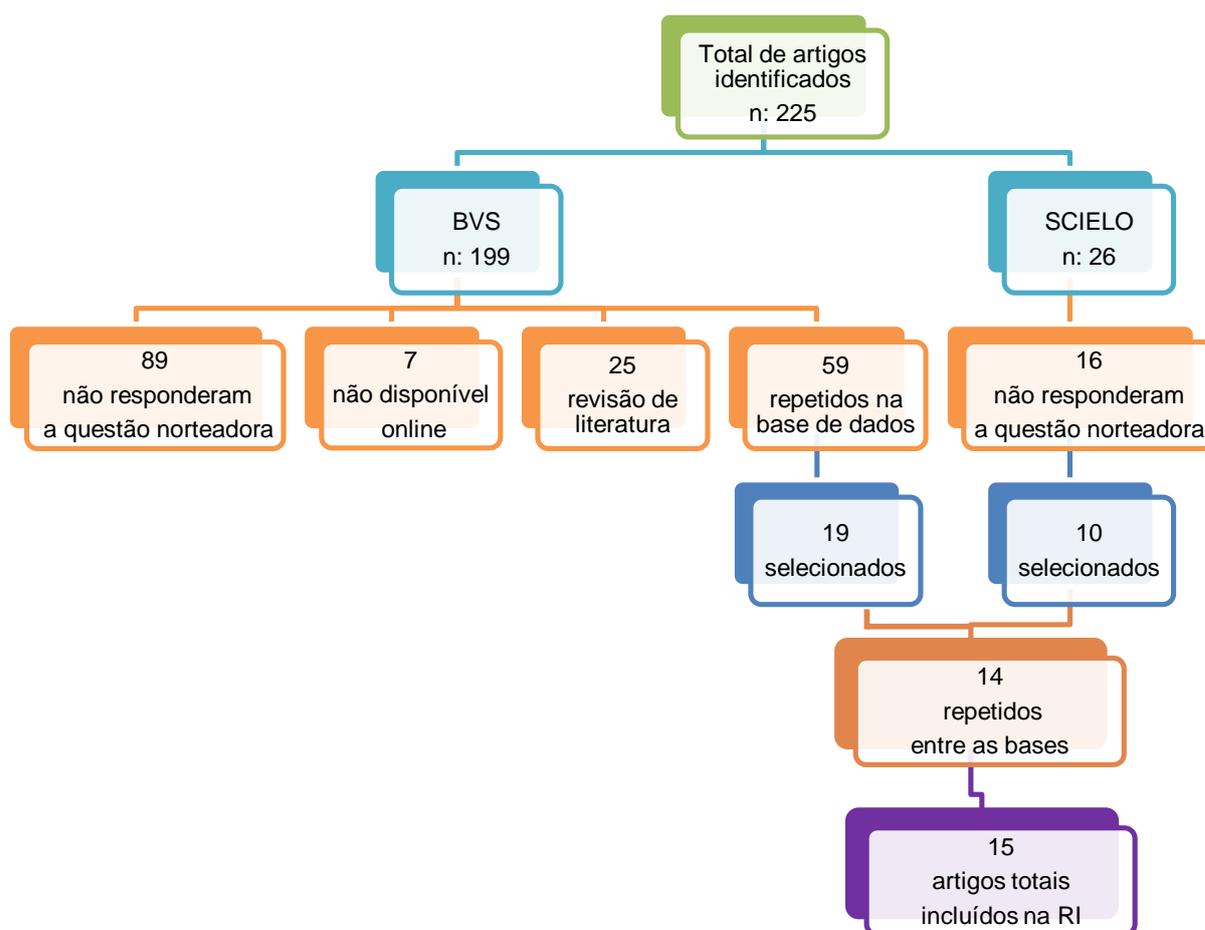
Nesta RI foram respeitadas as ideias, conceitos e definições dos autores, assegurando-os a autoria dos artigos pesquisados, utilizando citações e referências conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

4 RESULTADOS

Neste capítulo estão apresentados os dados relativos à caracterização dos artigos que fizeram parte da RI, bem como os achados referentes às escalas utilizadas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem.

A busca nas bases de dados identificou um total de 225 artigos potencialmente elegíveis. Após aplicação dos critérios de seleção, no total, foram excluídos: 105 artigos que não discorriam sobre as escalas para avaliação de estresse na equipe de enfermagem, 7 artigos não estavam disponíveis na íntegra online, 25 eram revisão de literatura, 59 artigos eram repetidos na base de dados BVS, 14 artigos estavam repetidos nas duas bases de dados BVS e Scielo. Assim, dos 29 artigos selecionados, 15 compuseram a amostra por atenderem aos critérios de inclusão (Figura 1).

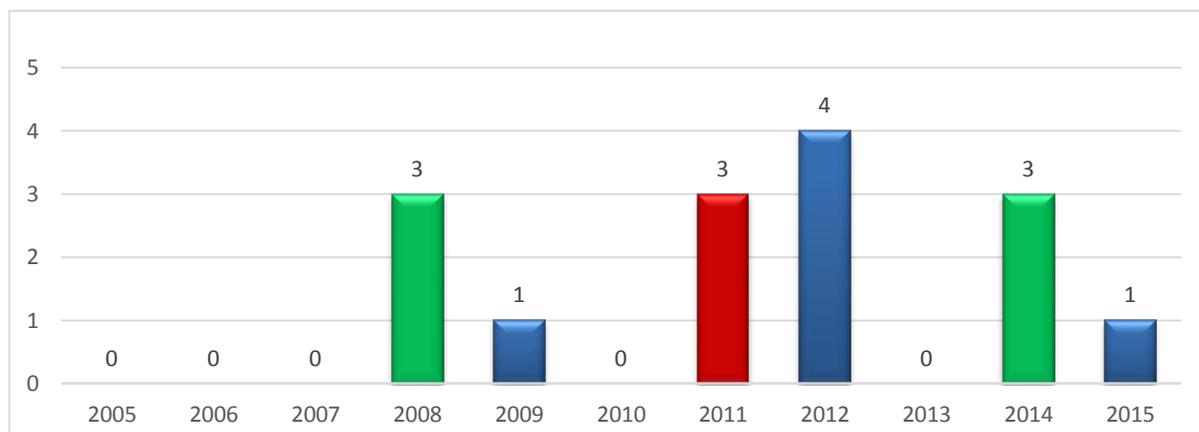
Figura 1 – Fluxograma da busca dos artigos nas bases de dados selecionadas.



Fonte: MACHADO, Rose Teresinha Carvalho Machado. Escalas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem. Porto Alegre. 2015.

O ano de publicação dos artigos que compuseram a amostra final foi entre 2008 e 2015.

Gráfico 1 – Distribuição dos artigos conforme o ano de publicação.



Fonte: MACHADO, Rose Teresinha Carvalho Machado. Escalas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem. Porto Alegre. 2015.

O Gráfico1 apresenta maior concentração de publicações no ano de 2012, totalizando quatro artigos. Não foram analisadas publicações no ano de 2005, 2006, 2007, 2010 e 2013 por não se adequarem aos critérios de inclusão.

Tabela 2 – Distribuição em frequência (F) e porcentagem (%) dos artigos segundo o periódico.

Periódico	F	%
Revista Latino-Americana de Enfermagem	4	26,7
Revista Escola de Enfermagem da USP	3	20,0
Acta Paulista de Enfermagem	2	13,34
Cuidarte Enfermagem	1	6,66
Estudos de Psicologia	1	6,66
Revista Brasileira de enfermagem	1	6,66
Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online	1	6,66
Revista Gaúcha de Enfermagem	1	6,66
Revista Mineira de Enfermagem	1	6,66
Total	15	100

Fonte: MACHADO, Rose Teresinha Carvalho Machado. Escalas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem. Porto Alegre. 2015.

Os estudos foram extraídos de 9 periódicos diferentes. A partir da visualização da Tabela 3, se percebe que o periódico com maior número de trabalhos extraídos é a Revista Latino-Americana de Enfermagem, com quatro (26,7%) publicações, seguida da Revista Escola de Enfermagem da USP com três (20%) publicações e Acta Paulista de Enfermagem com duas (13,34%) publicações. Observa-se também que treze (86,66%) artigos analisados foram publicados em periódicos de enfermagem. Esse dado evidencia a preocupação da área com o tema abordado.

No que se refere à profissão dos autores, fizeram parte deste estudo cinquenta e seis autores, destes, quinze (27%) são docentes de enfermagem, treze (23%) são enfermeiros, cinco (9%) doutorandos de enfermagem, quatro (7%) acadêmicos de psicologia, quatro (7%) não tiveram sua profissão identificada, três (5%) mestrados de enfermagem, três (5%) docentes de psicologia, duas (3,5%) doutoras em enfermagem, duas (3,5%) psicólogas, um (2%) docente de medicina, um (2%) doutor em ciências da informação, um (2%) educador físico, um (2%) bioestatístico e um (2%) acadêmico de enfermagem.

Em relação ao idioma dos estudos analisados, todos eram em português. Embora o idioma espanhol fosse um critério de inclusão desta Revisão Integrativa, todos os artigos nessa língua foram excluídos por não responderem à questão norteadora.

A seguir, apresenta-se a síntese dos artigos incluídos na presente revisão integrativa (Quadro 2), quanto ao título, autores, escala utilizada para avaliação do estresse, recomendações (α -Cronbach e/ou desempenho) e nível de evidência.

Quadro 2 – Síntese dos artigos incluídos na revisão integrativa, quanto ao título, autores, escala utilizada para avaliação do estresse, recomendações (α -cronbach e/ou desempenho) e Nível de Evidência (NE).

TÍTULO	AUTORES	ANO	ESCALA UTILIZADA PARA AVALIAÇÃO DO ESTRESSE	RECOMENDAÇÕES: α -CRONBACH E/OU ESEMPENHO	NE
Percepção da equipe de enfermagem sobre cuidados ao paciente queimado	GREGOLETTI, C. et al.	2008	Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL)		VI
Estresse da equipe de enfermagem de emergência clínica	PANIZZON, C.; LUZ, A. M. H.; FENSTERSEIFER, L. M.	2008	Escala de Fontes de Pressão no Trabalho	α de Cronbach = 0,9344.	VI
Efeitos cognitivos e emocionais do estresse ocupacional em profissionais de enfermagem	PASCHOALINI, B. et al.	2008	Inventário de Estresse em Enfermeiros (IEE)	O IEE foi utilizado também para auxiliares e técnicos de enfermagem. Os sintomas físicos e psíquicos foram similares aos relatados na literatura equivalentes aos IEE.	VI
Stress no cotidiano da equipe de enfermagem e sua correlação com o cronótipo	FERREIRA, L. R. C.; MARTINO, M. M. F.	2009	Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL)		VI
Impacto do manejo clínico da dor: avaliação de estresse e enfrentamento entre profissionais de saúde	NEGROMONTE, M. R. O.; ARAUJO, T. C. C. F.	2011	Job Stress Scale		VI
Caracterização dos sintomas físicos de estresse na equipe de pronto atendimento	FARIAS, S. M. C. et al.	2011	Occupational Stress Indicator (OSI)		VI
Estresse em profissionais de enfermagem: impacto do conflito no grupo e do poder do médico	COSTA, D. T.; MARTINS, M. C. F.	2011	Escala de Estresse no Trabalho (EET) – versão reduzida		VI

Continua

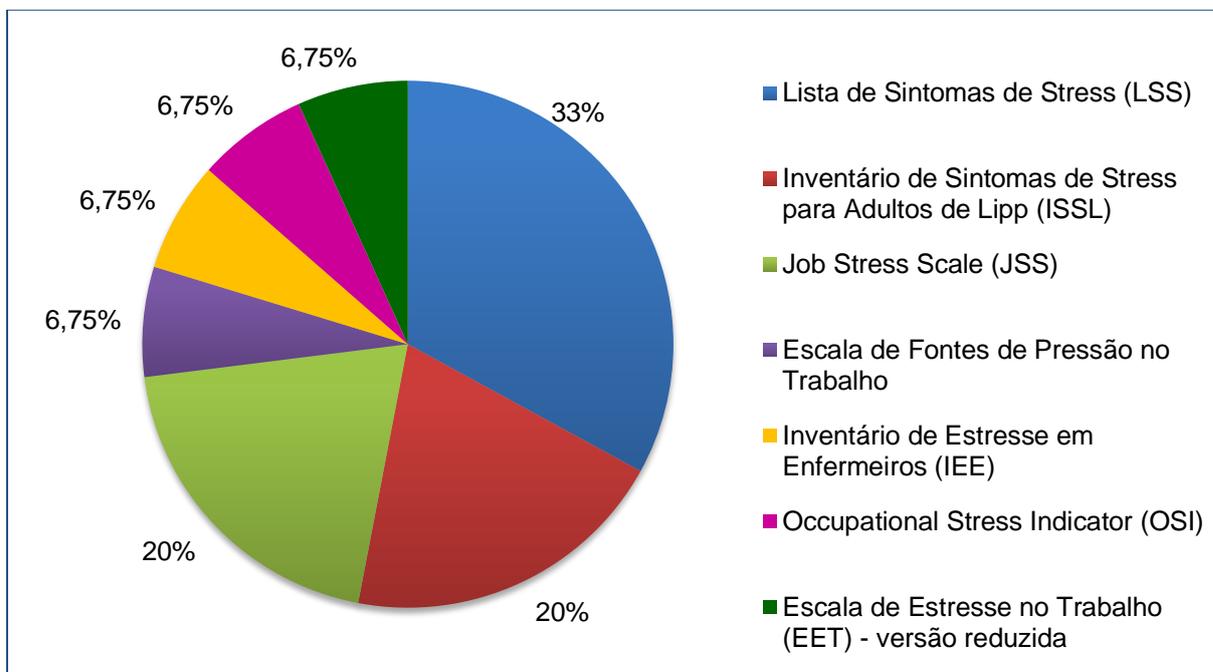
Continuação

Aplicabilidade da auriculoterapia para reduzir estresse e como estratégia de coping em profissionais de enfermagem	KUREBAYASHI, L. F. S. et al.	2012	Lista de Sintomas de Stress (LSS)		II
Avaliação do nível de estresse de equipe de enfermagem de serviço de atendimento móvel de urgência	MAIA, E. C. et al.	2012	Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL)	O uso de instrumento de avaliação do estresse é recomendado, uma vez que é capaz de identificar os sintomas de estresse.	VI
Eficácia da auriculoterapia para estresse segundo experiência do terapeuta: ensaio clínico.	KUREBAYASHI, L. F. S. et al.	2012	Lista de Sintomas de Stress (LSS)		II
Aplicabilidade da auriculoterapia com agulhas ou sementes para diminuição de estresse em profissionais de enfermagem	KUREBAYASHI, L. F. S. et al.	2012	Lista de Sintomas de Stress (LSS)		II
Eficácia da auriculoterapia chinesa para o estresse em equipe de enfermagem: ensaio clínico randomizado.	KUREBAYASHI, L. F. S.; SILVA, M. J. P.	2014	Lista de Sintomas de Stress (LSS)	α -Cronbach (aplicada a escala em três momento: LSS1 (baseline): 0,918, LSS2 (após 12 sessões): 0,947 e LSS3 (30 dias depois): 0,955	II
Impacto de um programa de atividade física sobre a ansiedade, depressão, estresse ocupacional e síndrome de Burnout dos profissionais de enfermagem no trabalho	FREITAS, A. R. et al.	2014	Job Stress Scale (JSS)	Valores aceitáveis entre 0,5 e 0,7 e bons $\geq 0,7$. Todos os domínios apresentaram α -Cronbach acima de 0,7, exceto para estresse ocupacional/demanda ($\alpha=0,68$) e estresse ocupacional/controlado ($\alpha=0,42$)	III
Estresse ocupacional no serviço de atendimento móvel de urgência	ANDRADE, M. C. M.; JÚNIOR, A. C. S.	2014	Escala de Estresse no Trabalho (<i>Job Stress Scale</i>)		VI
Auriculoterapia chinesa para melhoria de qualidade de vida de equipe de Enfermagem	KUREBAYASHI, L. F. S.; SILVA, M. J. P.	2015	Lista de Sintomas de Stress (LSS)	LSS1(início): 0,918, LSS2 (após 12 sessões): 0,947 e LSS3 (30 dias após o término): 0,955	II

Fonte: MACHADO, Rose Teresinha Carvalho Machado. Escalas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem. Porto Alegre. 2015.

Apresenta-se no Gráfico 2 a distribuição em porcentagem (%) das escalas utilizadas pelos pesquisadores para avaliação do estresse na equipe de enfermagem.

Gráfico 2 – Distribuição em porcentagem (%) das escalas utilizadas pelos pesquisadores para avaliação do estresse na equipe de enfermagem.



Fonte: MACHADO, Rose Teresinha Carvalho Machado. Escalas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem. Porto Alegre. 2015.

Conforme o Gráfico 2, constata-se que a Lista de Sintomas de Stresse (LSS) foi a escala prevalente entre os artigos, seguida pelo Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) e Job Stress Scale (JSS).

Nas recomendações, apenas quatro artigos indicaram a confiabilidade (α -Cronbach) e dois falaram sobre o desempenho da escala utilizada. Quanto ao nível de evidência dos artigos, encontrou-se: nove artigos com nível de evidência VI, cinco com nível de evidência II e um com nível de evidência III.

5 DISCUSSÃO

O objetivo deste trabalho consistiu em identificar na literatura as escalas utilizadas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem. Durante a busca nas bases de dados, 47% dos artigos identificados foram excluídos, por não responderem à questão norteadora, ou seja, não utilizavam escalas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem.

A avaliação do estresse é complexa e exige uma reflexão cuidadosa pelo investigador sobre a escolha do instrumento. A ciência necessita cada vez mais de instrumentos que forneçam medidas objetivas e reproduzíveis, com objetivo de realizar uma assistência eficaz e coletar dados de pesquisa (SPOLAOR, 2000). Medida é uma técnica que fornece, por meio de processos precisos e objetivos, dados quantitativos que exprimem, em base numérica, as qualidades que se deseja medir (NETO, 2007).

Em sua maioria, os autores dos artigos que compuseram a presente revisão integrativa incluíam docentes e alunos de pós-graduação. A produção científica no Brasil está crescendo em diversas áreas, entre elas a saúde, este aumento está relacionado com a ampliação dos cursos de pós-graduação nas universidades que, além de contribuir com aumento de pós-graduados e titulados, acaba por qualificar o corpo docente das universidades. A cidade de São Paulo caracteriza-se como a região que apresentou maior número de publicações e periódicos. Um estudo apontou uma produção vigorosa entre os pesquisadores da enfermagem com bolsas de produtividade e pesquisa no CNPq, tanto no que se refere à produção científica, quanto à formação de recursos humanos, entretanto, a produção de tecnologia (patentes) do grupo ainda é pequena. Atualmente, no Brasil, o Estado de São Paulo contribui com 68% da produção científica (SANTOS, 2015).

A escolha de um instrumento de medida depende do propósito do estudo, ressalta-se que optar pelo instrumento mais adequado nem sempre é tarefa simples e direta, existem vários instrumentos disponíveis e os resultados do estudo podem ser influenciados por essa escolha. O pesquisador necessita certificar-se de que o instrumento apresenta propriedades psicométricas relevantes (validade e confiabilidade) que o classifiquem como uma medida sólida. Para auxiliar na escolha, é relevante fazer uma pesquisa sistemática observando os indicadores e dimensões a serem medidas, mais aplicáveis à realidade na qual se propõe medir (ALVES, 2010).

O presente estudo alcançou seu objetivo e verificou na literatura as escalas utilizadas pelos pesquisadores para avaliação do estresse na equipe de enfermagem. Todas escalas citadas na literatura estão descritas resumidamente nos parágrafos seguintes.

A Lista de Sintomas de Estresse (LSS) refere-se a uma lista de 59 sintomas psicofisiológicos e psicossociais de *stress*. O sujeito deve associar para cada sintoma umas das quatro respostas: nunca (0), poucas vezes (1), frequentemente (2) ou sempre (3). Os escores obtidos nas respostas serão somados e fornecerão o nível de estresse do indivíduo. Este instrumento é resultado da associação entre uma lista elaborada e validada no Max Plank Institut da Alemanha e o Questionário de Estresse do Psicólogo no Exercício Profissional (FERREIRA, 2002). A escala mais utilizada pelos pesquisadores foi a LSS, porém, não foi referenciado pelos autores o artigo de validação no Brasil. Apesar da LSS ter sido utilizada em cinco artigos, constatou-se através dos autores e metodologia, que todos artigos eram oriundos do mesmo estudo.

Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) é um instrumento que tem como objetivo identificar as manifestações de estresse, avaliando a presença dos sintomas, a predominância do tipo de sintoma – somático ou psicológico - e a fase de estresse em que o indivíduo se encontra, ou seja, fase de alerta, resistência, quase exaustão e exaustão. A aplicação do inventário é prática, fácil e rápida, podendo ser executada por indivíduos que não tenham um treinamento em psicologia, porém sua correção e interpretação devem sempre ser realizadas por um psicólogo, de acordo com as diretrizes do Conselho Federal de Psicologia, aplicando a análise de confiabilidade obteve-se o coeficiente α de Cronbach de 0,9121 (LIPP, 2005). O valor de α de *Cronbach* da escala indica alta confiabilidade e consistência interna do instrumento.

A Job Stress Scale em idioma inglês, elaborado por Tores Theorell em 1988, é uma versão resumida do questionário original criado nos anos 70 por Robert Karasek, um dos primeiros pesquisadores a buscar a existência de fatores estressores no ambiente de trabalho e estudar suas consequências sobre a saúde do trabalhador. A escala resumida da Job Stress Scale foi adaptada para o português por Aves, et al, e publicada em 2004. O instrumento abrange 17 itens para avaliação de demanda, controle e suporte social, percebidos pelo trabalhador, os quais são mensurados em uma escala tipo Likert de quatro pontos (variando entre frequentemente e

nunca/quase nunca, ou entre concordo totalmente e discordo totalmente). O coeficiente alpha de Cronbach foi utilizado para avaliar a consistência interna dos itens, obtendo 0,79 para demanda, 0,67 para controle e 0,85 para o apoio social.

Escala de Fontes de Pressão no Trabalho foi validada por Fensterseifer e elaborada a partir da Escala de Estresse em Profissionais da Saúde Mental (EESPM), desenvolvida por Delia Cushway e Patrick Tyler. Essa Escala contém 42 questões, que compõem sete subescalas mescladas ao longo do instrumento, referentes à: carga de trabalho, dificuldades relacionadas com o cliente, processos e estrutura organizacional, relacionamentos e conflitos com outros profissionais, falta de recursos, insegurança profissional e conflito lar-trabalho. Cada questão recebe uma pontuação de zero a três, sendo zero quando o item não se aplica e três o item que mais intensidade de estresse se aplica ao sujeito (PANIZZON; FENSTERSEIFER, 2008). O autor do estudo não referenciou o artigo de validação.

O Inventário de Estresse em Enfermeiros (IEE) é um instrumento que mensura o estresse ocupacional em enfermeiros. O IEE contém 38 itens, distribuídos em três fatores de primeira ordem: Relações Interpessoais (F1), aborda as relações interpessoais com outros profissionais, com pacientes e familiares destes, com alunos, com o grupo de trabalho, com as pessoas em geral e também com a própria família; Papéis Estressores da Carreira (F2), refere-se à indefinição, à falta de reconhecimento e à autonomia da profissão, à impotência diante da impossibilidade de executar algumas tarefas e a aspectos sobre a organização institucional e ao ambiente físico; e Fatores Intrínsecos ao Trabalho (F3), relacionam-se com as funções desempenhadas, com a jornada de trabalho e com os recursos inadequados. É um fator de segunda ordem, denominado fator global, que é a somatória dos três fatores, fornecendo a medida geral do estresse ocupacional do enfermeiro. A estrutura obtida foi submetida à análise de confiabilidade, indicando precisão com alfa de Cronbach igual a 0,89 para o fator global, 0,90 para o F1, 0,82 para F2 e 0,79 para F3 (STACCIARINI; TRÓCOLLI, 2000). O IEE é a única escala, entre as demais analisadas neste estudo, que leva em conta aspectos importantes no cotidiano dos profissionais de enfermagem.

O indicador de estresse ocupacional, Occupational Stress Indicator (OSI), foi desenvolvido originalmente por Cooper, Sloan e Williams (1988), traduzida e validada para o português por Swan et al (1993). O artigo de validação não foi disponibilizado online. Esta escala possibilita a mensuração da satisfação com 22 aspectos

psicossociais do trabalho, incluindo medidas de estressores, mediadores e consequências físicas e psicológicas, compondo um indicador de satisfação no trabalho global dado por um escore que varia de 22 a 132 pontos. Este escore foi dividido em tercís categorizando a variável em: insatisfação (1º tercíl), satisfação intermediária (2º tercíl) e satisfação (3º tercíl), (MARTINEZ; LATORRE, 2006).

A Escala de Estresse no Trabalho (EET) foi construída e validada por Paschoal e Tamayo (2004). O instrumento contém 23 itens, que formam um fator geral, contendo estressores organizacionais variados de natureza psicossocial e reações frequentemente associadas aos mesmos, podendo ser aplicados a ambientes organizacionais diversos e a ocupações variadas. Segundo o autor, a decisão de conjugar estressor e reação deve-se à convicção do papel central da percepção como mediadora do impacto do ambiente de trabalho, um fator organizacional constitui-se um estressor quando ele é percebido como tal pelo sujeito. O cálculo utilizado para mensurar a precisão da escala foi o coeficiente alfa de Cronbach, com resultado equivalente a 0,91. Uma versão reduzida da escala, com 13 itens e alfa de 0,85 foi elaborada.

O coeficiente α de Cronbach mede o grau de covariância de uma série de itens e varia de 0 a 1, quanto mais elevada a contagem maior a confiabilidade da escala, um valor igual a 0,7 reflete uma fidedignidade aceitável (ARAÚJO; LABURÚ, 2009).

Considerando a Questão Norteadora desta RI, que buscou evidências para a utilização de escalas para avaliação do estresse, os artigos incluídos foram classificados no nível de evidência VI, conforme o esperado, uma vez que as evidências para utilização das escalas aparecem em estudos descritivos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão integrativa atingiu o objetivo proposto, identificou na literatura as escalas utilizadas para avaliação do estresse na equipe de enfermagem.

O conhecimento da síntese de pesquisas já publicadas na literatura sobre escalas para avaliar o estresse pode auxiliar o enfermeiro na identificação, no planejamento e implementação de medidas que possam minimizar a problemática do estresse na equipe de enfermagem, gerando melhorias na qualidade de vida do profissional, maior produtividade no trabalho, refletindo positivamente na assistência prestada ao paciente.

A análise realizada permitiu identificar lacunas relacionadas aos artigos de criação, adaptação e validação das escalas no Brasil. Alguns autores não referenciaram os artigos de validação, impossibilitando o reconhecimento de informações importantes como o coeficiente de α Crombach. É importante que o pesquisador tenha conhecimento das implicações de cada escala e saiba escolher a que conseguirá fornecer o melhor resultado para sua pesquisa.

Diante do exposto ressalta-se a necessidade da continuidade de estudos referentes a avaliação do estresse relacionado os profissionais de saúde, como ferramenta que auxilie no encontro de alternativas para a melhoria da qualidade de vida e de trabalho dos profissionais, pois os avanços tecnológicos, as características epidemiológicas de saúde de nosso país nos levam a observar uma crescente hospitalização e gravidade dos pacientes atendidos, bem como o aumento das demandas administrativas a gerencias.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. G. M. et al. Versão resumida da “job stress scale”: adaptação para o português. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 164-71, 2004.
- ANDRADE, M. C. M.; JÚNIOR, A. C. S. Estresse ocupacional no serviço de atendimento móvel de urgência. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 376-383, 2014.
- ARAÚJO, N. R. S.; LABURÚ, C. E. Uma análise da validação e confiabilidade da escala de opiniões da seleção de experimentos de química (EOSEQ). **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, 2009.
- BIANCHI, E. R. F. Escala Bianchi de Stress. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, p. 1055-62, 2009.
- CALDERERO A. R. L.; MIASSO, A. I.; CORRADI-WEBSTER C. M. Estresse e estratégias de enfrentamento em uma equipe de enfermagem de Pronto Atendimento. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 10, n. 1, p. 51-62, 2008.
- COSTA, D. T.; MARTINS, M. C. F. Estresse em profissionais de enfermagem: impacto do conflito no grupo e do poder do médico. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1191-8, 2011.
- FARIAS, S. M. C. et al. Caracterização dos sintomas físicos de estresse na equipe de pronto atendimento. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 722-9, 2011.
- FERREIRA, et al. Avaliação da dor e estresse em paciente com fibromialgia. **Revista Brasileira de Reumatologia**, São Paulo, v. 42, n. 2, 2002.
- FERREIRA, L. R. C.; MARTINO, M. M. F. Stress no cotidiano da equipe de enfermagem e sua correlação com o cronótipo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 1, P. 65-72, 2009.
- FREITAS, A. R. et al. Impacto de um programa de atividade física sobre a ansiedade, depressão, estresse ocupacional e síndrome de Burnout dos profissionais de enfermagem no trabalho. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 2, p. 332-6, 2014.
- GREGOLETTI, C. et al. Percepção da equipe de enfermagem sobre cuidados ao paciente queimado. **Cuidarte Enfermagem**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 23-29, 2008.
- KUREBAYASHI, L. F. S. et al. Aplicabilidade da auriculoterapia com agulhas ou sementes para diminuição de estresse em profissionais de enfermagem. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 89-95, 2012.

KUREBAYASHI, L. F. S. et al. Aplicabilidade da auriculoterapia para reduzir estresse e como estratégia de coping em profissionais de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 5, 2012.

KUREBAYASHI, L. F. S. et al. Eficácia da auriculoterapia para estresse segundo experiência do terapeuta: ensaio clínico. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 25, n. 5, p. 694-700. 2012.

KUREBAYASHI, L. F. S.; SILVA, M. J. P. Auriculoterapia Chinesa para melhoria de qualidade de vida de equipe de Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 68. n. 1, p. 117-23, 2015.

KUREBAYASHI, L. F. S.; Silva, M. J. P. Eficácia da auriculoterapia chinesa para o estresse em equipe de enfermagem: ensaio clínico randomizado. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 3, p. 371-8, 2014.

MAIA E. C. et al. Avaliação do nível de estresse de equipe de enfermagem de serviço de atendimento móvel de urgência. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 3060-68, 2012.

MARTINEZ, M. C.; LATORRE, M. R. D. O. Saúde e capacidade para o trabalho em trabalhadores de área administrativa. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 5, p. 851-858, 2006.

MARTINS, J. T. et al. Sentimentos vivenciados pela equipe de enfermagem de um centro de tratamento de queimados. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 522-526, 2014.

MELNYK, B. M.; FINEOUT-OVERHOLT, E. **Evidence-based practice in nursing & healthcare: a guide to best practice**. 2nd ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2011. 599 p.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008.

NEGROMONTE, M. R. O.; ARAUJO, T. C. C. F. Impacto do manejo clínico da dor: avaliação de estresse e enfrentamento entre profissionais de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, 2011.

NETO, R. C. **Construção e validação da escala de estressores ocupacionais das linhas de produção**. Tese de doutorado. Pontifícia universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da vida, pós-graduação em psicologia. 2007.

OLIVEIRA, R. K. M.; COSTA, T. D.; SANTOS, V. E. P. Síndrome de burnout em enfermeiros: uma revisão integrativa. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 3168-75, 2013.

PANIZZON, C.; LUZ, A. M. H.; FENSTERSEIFER, L. M. Estresse da equipe de enfermagem de emergência clínica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29, n. 3, 2008.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. Validação da escala de estresse no trabalho. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 1, p. 45-52, 2004.

PASCHOALINI, B. et al. Efeitos cognitivos e emocionais do estresse ocupacional em profissionais de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 487-92, 2008.

RAMOS, E. L. et al. Qualidade de vida no trabalho: repercussões para a saúde do trabalhador de enfermagem de terapia intensiva. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 571-583, 2014.

RODRIGUES, A. B.; CHAVES, E. C. Fatores estressantes e estratégias de coping dos enfermeiros atuantes em Oncologia. **Revista Latino-Americana de Enfermagem Online**, São Paulo, v. 16, n. 1, 2008.

SALVADOR, R. S. P.; SILVA, B. A. S. A.; LISBOA, M. T. L. Estresse da enfermagem no atendimento pré-hospitalar móvel, **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 17, n. 2, p. 361-368, 2013.

SANTOS, M. I. P. et al. **Avaliação da produção científica, patentes e formação de recursos humanos da enfermagem brasileira**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, n. 68, v. 5, p. 846-54, 2015.

SPOLAOR, R. C. Confiabilidade intra e entre avaliadores na avaliação postural global. Dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo, 2000.

STACCIARINI, J.M.R.; TRÓCOLLI, B.T. Instrumento para mensurar o estresse ocupacional: inventário de estresse em enfermeiros (IEE). **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 8, n. 6, p. 40-49, 2000.

APÊNDICE A – Instrumento de Coleta de Dados

Nº do artigo:	
Título do artigo:	
Autores e titulações:	
Periódico:	
Local de publicação:	
Ano de publicação:	
Descritores:	
Objetivos:	
Metodologia: 1. Tipo de estudo: 2. Local de realização: 3. População: 4. Amostra:	
Escala utilizada para avaliação do estresse:	
Recomendações: α - Cronbach e/ou desempenho	

APÊNDICE B – Quadro Sinóptico Geral

Título do artigo	Autores	Escala utilizada para avaliação do estresse	Recomendações: α -Cronbach e/ou desempenho	NE